

## **POESIA E MORTE EM FACE DISPERSA, DE WALMIR AYALA**

**SILVA, Juliana de Souza da (autora)**  
**MARTINS, Cláudia Mentz (orientadora)**  
**julianadesouzadasilva@gmail.com**

**Evento: Encontro de Pós-Graduação**  
**Área do conhecimento: Literatura Brasileira**

**Palavras-chave:** poesia brasileira; Walmir Ayala; morte;

### **1 PRIMEIRAS PALAVRAS**

Nascido em Porto Alegre, em 1933 e falecido no Rio de Janeiro, em 1991, Walmir Ayala teve passagem por diversos gêneros, como o romance, o conto, a poesia, o teatro e o diário. Sua estreia ocorreu na poesia com a publicação de *Face dispersa* em 1955, um ano antes de deixar sua cidade natal e se transferir para o Rio de Janeiro. A edição do livro de poemas foi financiada por seu pai, Sylvio Ayala, apesar deste não concordar com o desejo do filho de seguir a carreira de escritor.

A produção literária de W. Ayala, especialmente, a lírica, acaba recebendo pouca atenção dos estudiosos. Neste trabalho, nosso olhar se volta para *Face dispersa*. O objetivo é investigar a temática da morte, predominante na obra, suas representações e variações simbólicas. Este estudo é parte do projeto *Revisão da poesia brasileira da primeira metade do século XX pelas teorias do Imaginário*, coordenado pela Profª Drª Cláudia Mentz Martins e desenvolvido junto ao Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande.

### **2 UM POUCO DE TEORIA**

Nosso trabalho está ancorado, principalmente, sobre as reflexões teóricas de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, que se dedicaram aos estudos da imagem, do mito e do símbolo. A literatura é considerada um dos maiores reservatórios do imaginário humano, sendo também veículo das imagens e dos símbolos que o compõem.

A linguagem poética é essencialmente simbólica, já que o sentido não é dado de forma direta, mas depende da interpretação do leitor para se revelar. Na medida em que lemos um poema, novos sentidos vão sendo descobertos, sem que sua capacidade significativa seja esgotada. Nessa aproximação entre a poesia e o símbolo, observamos ainda que: os dois apresentam uma polivalência, ou seja, uma capacidade infinita de instaurar sentidos, muitas vezes, até antagônicos; além disso, buscam representar o irrepresentável, o indizível.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia empregada no estudo dos poemas de *Face dispersa* segue, como já adiantamos, a hermenêutica simbólica desenvolvida por Gaston Bachelard e Gilbert Durand.

#### **4 PRIMEIRAS LEITURAS**

Um dos motivos literários privilegiados por Walmir Ayala em *Face dispersa* é a morte. Nos poemas do livro, o eu lírico aparece quase sempre voltado para si mesmo, para sua solidão, negando sua própria vida: “Vou por aqui/ todo de esquite/ ser grande Noite.../ Tudo está morto/ dentro de mim...” (“8ª Elegia de mim mesmo”).

Ao invés de recusa ou de enfrentamento da morte, o sujeito aceita essa condição inevitável. A morte, porém, não é representada como um fim absoluto, sendo, antes, vista como o início de uma outra vida. Para uma alma triste e solitária como a do eu lírico, a morte é única forma de libertação, ela possibilitaria o renascimento do ser e a desejada transcendência: “Dentro dos meus olhos vivos a exigência da Morte/ arrancando meus pés sem limite...” (“A morta I”).

Nesse sentido, ao lado do impulso de morte está a busca de elevação, sugerida inclusive pelos temas do ar e do vôo, bem como pela figura do anjo, também veiculada em alguns poemas. O eu lírico volta-se para o interior da noite desabitada que se revela sua própria noite íntima, mas por trás dessa negatividade se esconde um desejo de luz, de sublimação.

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Seria impossível esgotar o tema da morte e suas variações simbólicas dentro da obra em questão, nem é essa a nossa intenção. Na realidade, este estudo ainda é preliminar e as reflexões apresentadas estão longe de ser conclusivas. Em *Face dispersa*, o eu lírico centrado sobre si mesmo mostra-se fortemente ligado à morte. Tomada por um duplo sentido, a morte é simultaneamente negação da vida e iniciação, introdução a uma nova existência. Considerando o simbolismo sugerido na obra, o impulso ou desejo de morte do eu revela uma necessidade de (auto)regeneração. Não pode haver renascimento sem morte, ela é condição necessária para a própria vida.

#### **REFERÊNCIAS**

- AYALA, Walmir. *Face dispersa*. [s.l.]: Independente, 1955.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.